



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

do INE

DESTAQUE

Informação à
Comunicação Social

16 de Maio de 2000

Mulheres e Homens em Portugal, Retrato Estatístico da Década de 90

Encontra-se disponível um documento de trabalho com cerca de 50 páginas sobre este tema, no site do INE – www.ine.pt

Produzir e difundir dados e informação desagregados por sexo é um dos objectivos estratégicos da Plataforma de Acção da Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, organizada pelas Nações Unidas e realizada em Pequim, em 1995. Para alcançar este objectivo devem os institutos de estatística, os centros de estudos e investigação recolher, tratar e analisar dados ventilados por sexo e idade, desenvolvendo metodologias e indicadores, e elaborando estudos que permitam melhorar a análise por género e evidenciar os problemas ligados à vivência das mulheres e dos homens em sociedade.

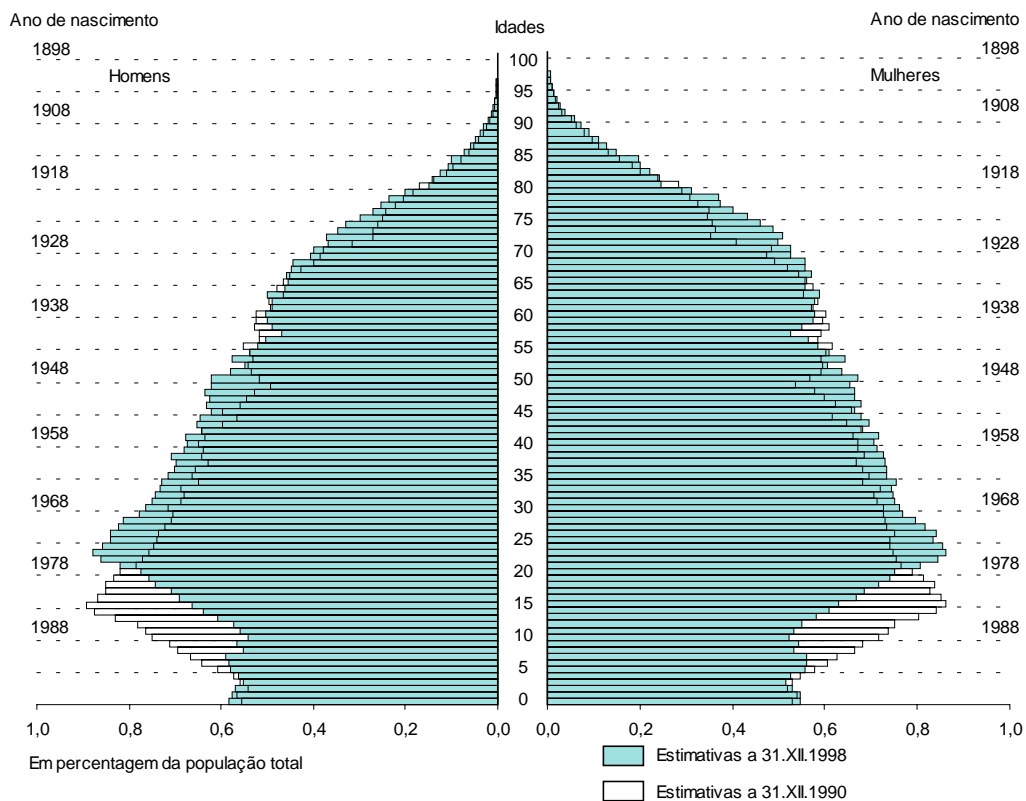
Para 2000, ano em que decorre a avaliação da execução da Plataforma de Acção de Pequim (Pequim +5), o INE agendou um estudo que procura caracterizar as recentes alterações da situação da mulher nos domínios demográfico, económico e social. As questões em estudo interligam diferentes áreas da estatística de modo a caracterizar o papel das mulheres e dos homens em Portugal. É desse estudo, em fase de desenvolvimento e a disponibilizar até ao final do ano, que se apresentam alguns resultados preliminares, ainda em forma de documento de trabalho.

O envelhecimento demográfico acentuou-se sobretudo nas mulheres

O processo de envelhecimento demográfico que o país tem conhecido é visível quer na base da pirâmide, pelo estreitamento que traduz a redução dos efectivos populacionais jovens em consequência dos baixos níveis de natalidade, quer no topo, pelo alargamento que corresponde ao acréscimo de efectivos populacionais, resultante do aumento da esperança de vida.

As modificações ocorridas na estrutura etária das mulheres e dos homens na década de noventa estão bem expressas na pirâmide de idades.

População Residente em Portugal, 1990-1998



Fonte: INE, GEC

O número de mulheres e homens em Portugal tem registado um processo de crescimento contínuo. A variação percentual no período 1990-1998 foi de 1,13% nas mulheres e 0,90% nos homens.

Desde 1995 que o número de idosas (com idade igual ou superior a 65 anos) na população feminina total ultrapassa o número de jovens (com idade inferior a 15 anos). O índice de envelhecimento das mulheres elevou-se a 110 em 1998 (por cada 100 jovens existiam 110 idosas), contra 82 no início da década. Esta evolução não é tão marcada no caso dos homens.

As mulheres vivem em média mais sete anos do que os homens

A esperança de vida à nascença tem vindo a aumentar para ambos os sexos, tendo-se mantido o diferencial em anos de vida (78,8 anos para as mulheres e 71,7 para os homens, em 1997/98), facto que traduz a sobremortalidade masculina. Em termos de idade média ao óbito, entre 1990 e 1998 verificou-se um comportamento idêntico para ambos os sexos (no caso das mulheres este valor passou de 74,8 para 75,9 anos e no caso dos homens de 67,2 para 68,3 anos): morre-se cada vez com mais idade.

As Doenças do Aparelho Circulatório mantiveram-se em 1998, como a causa de morte mais importante (21,6% no caso das mulheres e 18,3% no caso dos homens).

Mulheres tendem a adiar a fecundidade

Uma das causas do acentuar do envelhecimento demográfico é a baixa da natalidade, consequência do retardar do casamento e da fecundidade que se tem observado e que está decerto ligado a factores como o aumento do nível de educação, crescente entrada no mercado de trabalho, ingresso em carreiras profissionais mais exigentes, sobretudo das mulheres, bem como a difusão dos métodos contraceptivos.

De facto, a pílula era o método contraceptivo preferencialmente utilizado durante pelo menos três meses consecutivos por todas as gerações de mulheres e homens inquiridos. A grande maioria dos jovens (60%) declarou, em 1997, aderir à protecção contraceptiva na primeira relação sexual, mas Portugal continua a ser o segundo país da UE com a maior taxa de fecundidade das adolescentes (21,2‰) em 1998.

Mulheres recuperam o desfazamento dos níveis de instrução que as separava dos homens, aumentam as taxas de actividade, mas auferem salários mais baixos

Nos últimos anos notou-se uma evolução positiva no nível de instrução da população, ressaltando o aumento da proporção de mulheres possuidoras de um curso superior (54% contra 46% de homens).

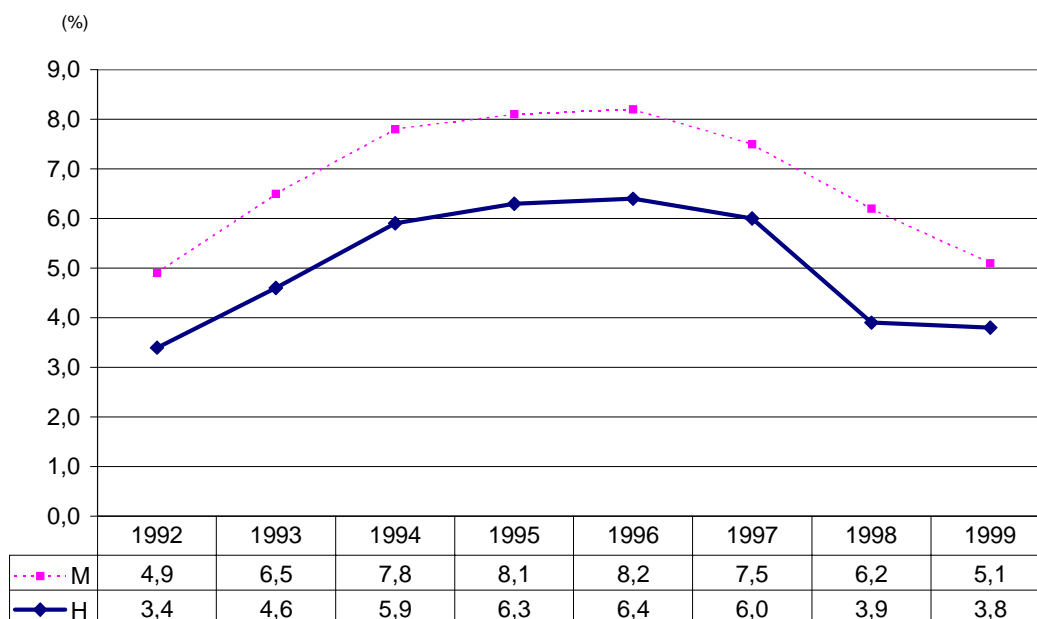
As taxas de actividade das mulheres, apesar do contínuo crescimento, mantiveram-se inferiores às dos homens no período em análise, assumindo em 1999 os valores de 44,2% e 57,3%, respectivamente. A diferença entre as taxas de actividade das mulheres e dos homens reduziu-se na década de 90.

Apesar da existência de maior volume de emprego masculino, acompanhado de taxas de emprego mais elevadas, o crescimento no volume de emprego feminino foi mais forte, com uma taxa de variação de 9,0% contra 4,0%, no período em análise.

Tanto as mulheres (73,6%) como os homens (71,6%) trabalham maioritariamente por conta de outrem. A proporção de mulheres em situação de *Familiar não Remunerado* no total das mulheres empregadas (2,8%) é quase dupla da dos homens na mesma situação (1,5%).

Taxas de desemprego mais elevadas nas mulheres

Taxas de Desemprego por Sexo, Portugal, 1992 - 1999



Fonte: INE, Inquérito ao Emprego.

As taxas de desemprego das mulheres foram sempre superiores às dos homens, no período de referência, embora com tendência para se atenuarem as diferenças, à semelhança do ocorrido com as taxas de actividade.

A maioria das mulheres (68,3%) e dos homens (76,6%) desempregados, em 1999, possuía apenas o ensino básico. Seguiam-se os desempregados com habilitações a nível do ensino superior: 17,0 % das mulheres e 12,2% dos homens.

A actividade principal das mulheres e dos homens empregados exerce-se na *Indústria Transformadora*. A actividade com maior percentagem de mulheres é a *Saúde e Acção Social* (80,2%), as *Outras Actividades de Serviço* (75,8%) e a *Educação* (75,0%). Nos homens, a *Pesca* (97,9%), a *Construção* (93,9%) e a *Produção e Distribuição de Electricidade, Gás e Água* (90,8%) eram as que detinham maior importância relativa.

A profissão *Pessoal dos Serviços e Vendedores* é a mais frequente entre as mulheres empregadas (19,2%). Nos homens essa posição, embora mais reforçada, pertence aos *Operários, Artífices e Trabalhadores Similares* (30,9%).

A quase totalidade das mulheres e dos homens empregados possuem um regime de contrato permanente. De 1992 para 1999 diminuiu a percentagem de mulheres e homens a trabalharem com vínculo desta natureza.

As mulheres auferiam níveis salariais mais baixos que os homens. Em 1999, 22,0% das mulheres empregadas auferiam salários mensais líquidos entre 57 e 66 contos. Nos homens a percentagem mais

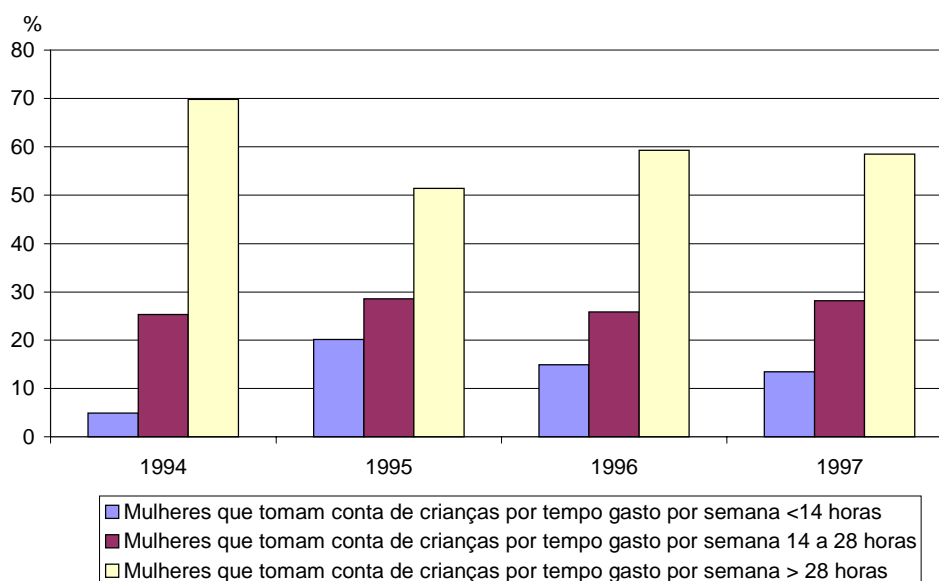
elevada (17,9%) auferia salários líquidos mensais entre 107 e 158 contos. No escalão mais baixo de salários, ou seja inferiores a 52 contos, encontravam-se 9,2% das mulheres empregadas e apenas 2,7% dos homens.

Obrigações familiares são o principal motivo referido pelas mulheres para trabalharem a tempo parcial

A maioria das mulheres (90,4%), à semelhança dos homens (96,6%) trabalhava a tempo inteiro. O peso do trabalho a tempo inteiro reduz-se à medida que avança a idade. Nas idades a partir dos 40 anos o trabalho a tempo parcial vai assumindo maior importância. A maior concentração de mulheres a trabalhar a tempo parcial situa-se na faixa etária dos 40 aos 59 anos; nos homens essa concentração aparece acima dos 50 anos.

As obrigações familiares, como *Fazer a Lida da Casa, Tomar conta de Crianças e de Outros*, foram a principal condicionante apontada pelas mulheres como motivo do trabalho a tempo parcial (cerca de 25%), em 1997. Das mulheres inquiridas, 58,5 % dedicavam mais de 28 horas por semana a cuidar de crianças.

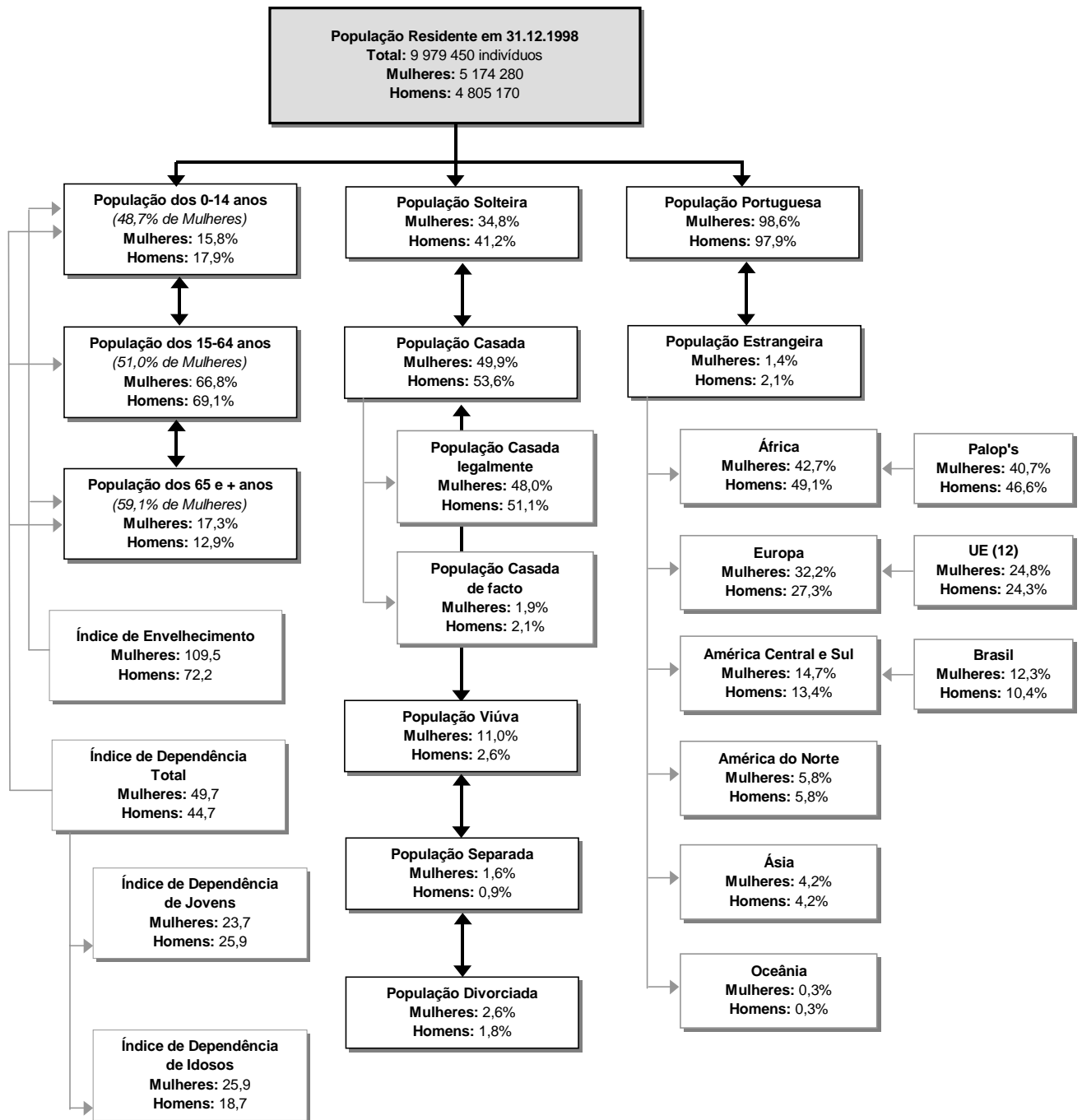
Mulheres que tomam conta de crianças por tempo gasto por semana, 1994-1997



Fonte: PAUE (Painel dos Agregados Familiares da UE)

As estudantes reforçam importância na população inactiva

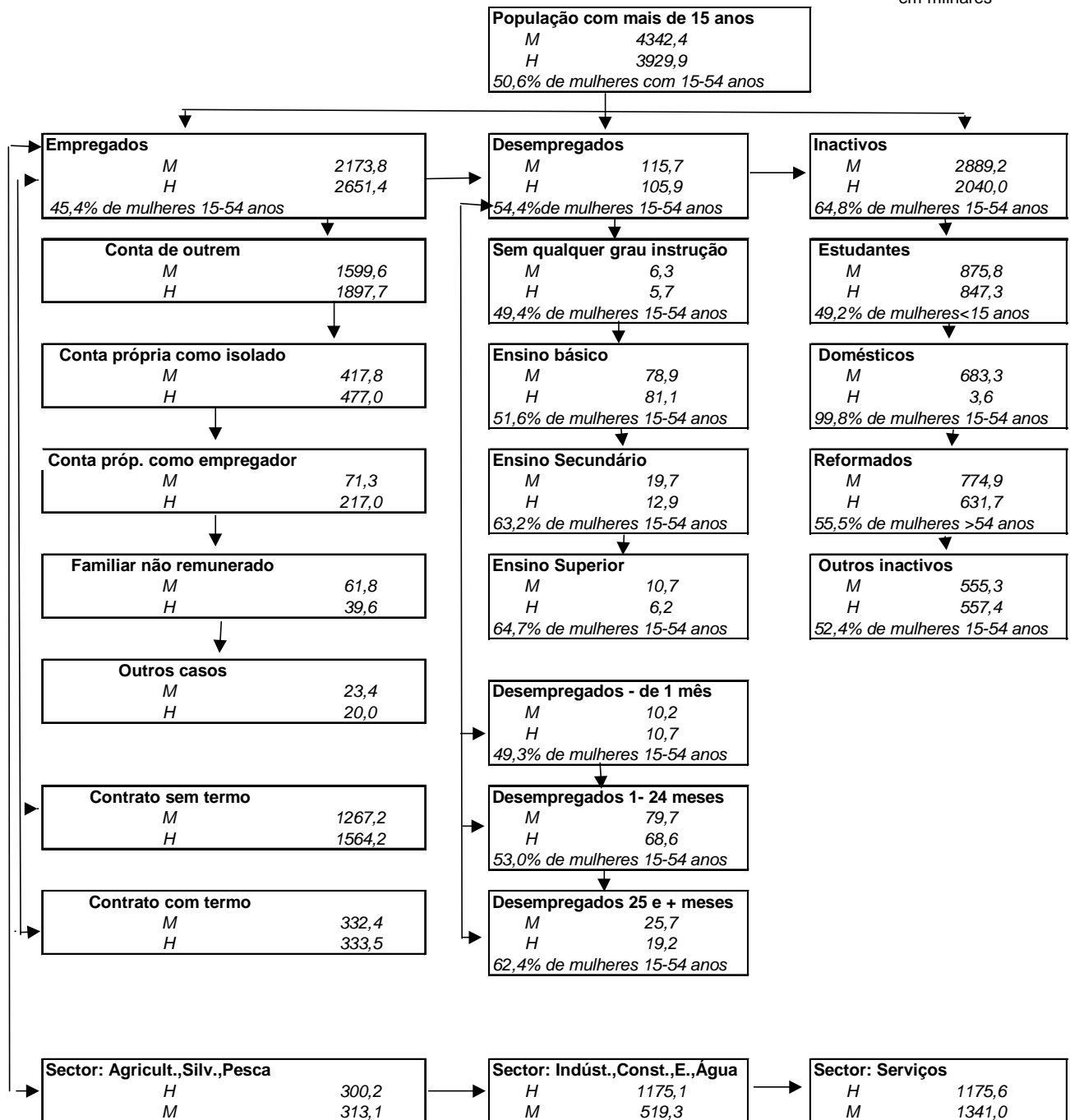
Há mais mulheres inactivas do que homens. Contudo a situação de inactividade apresentou um comportamento diferente por género de 1992 a 1999: uma redução de 4,8 % nas mulheres e um crescimento de 1,2 % nos homens. Em 1999, as estudantes representavam 30,3% das inactivas, seguidas pelas reformadas (26,8%), verificando-se uma troca de posições comparativamente a 1992; ano em que a maior parte das mulheres eram reformadas (32,9%), seguidas pelas estudantes (30,9%).



Fonte: INE, Gabinete de Estudos e Conjuntura

SITUAÇÃO DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO À ACTIVIDADE ECONÓMICA, PORTUGAL, 1999

em milhares



Fonte: INE, IE